

IDEOLOGIA, ELEIÇÕES E O ENGAJAMENTO INTERNACIONAL DO BRASIL

Ideology, Elections, and Brazil's International Engagement

Pedro Feliú Ribeiro¹

¹Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. **E-mail:** pedrofeliu@usp.br. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6857-8683>.

Artigo recebido em: 22 ago. 2026 | Aceito em: 10 set. 2026.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

Este artigo investiga o efeito da convergência ideológica entre o presidente brasileiro e seus pares estrangeiros sobre o engajamento diplomático bilateral, bem como o papel condicionante do ciclo eleitoral doméstico nessa relação. Utilizando um modelo GMM sistêmico com dados em painel para 110 países entre 1998 e 2020, e tendo o Índice de Política Externa (FPI) como variável dependente, os resultados indicam que a convergência ideológica isoladamente não produz efeito significativo sobre o engajamento bilateral. Contudo, durante anos eleitorais, a afinidade ideológica torna-se um vetor de distanciamento: aliados ideológicos sofrem uma redução de aproximadamente 1,7% no FPI. O efeito é mais pronunciado em anos de reeleição (-2,1%) do que em anos de transição presidencial (-1,4%). Os achados sugerem que, em contextos de competição política doméstica, o governo brasileiro tende a negligenciar parceiros ideologicamente alinhados, possivelmente por considerá-los mais complacentes e, portanto, menos prioritários em termos de atenção diplomática.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira. Ideologia. Eleições. Diplomacia Presidencial.

ABSTRACT

This article investigates the effect of ideological convergence between the Brazilian president and foreign counterparts on bilateral diplomatic engagement, as well as the conditioning role of the domestic electoral cycle in this relationship. Using a systemic GMM model with panel data for 110 countries between 1998 and 2020, and the Foreign Policy Index (FPI) as the dependent variable, the results indicate that ideological convergence alone does not produce a significant effect on bilateral engagement. However, during electoral years, ideological affinity becomes a vector of distancing: ideological allies suffer a reduction of approximately 1.7% in the FPI. The effect is more pronounced in reelection years (-2.1%) than in presidential transition years (-1.4%). The findings suggest that, in contexts of domestic political competition, the Brazilian government tends to neglect ideologically aligned partners, possibly because they are considered more complacent and, therefore, less priority in terms of diplomatic attention.

Keywords: Brazilian Foreign Policy. Ideology. Elections. Presidential Diplomacy.

INTRODUÇÃO

A presidência da república é um ator doméstico que recebe grande atenção na literatura especializada sobre política externa brasileira. As administrações presidenciais são comumente mobilizadas como unidade de análise em distintos desenhos de pesquisa (Casarões e Farias 2022; Cervo e Lessa 2014; Vigevani e Cepaluni, 2007). A centralidade da figura presidencial na análise da política externa brasileira ganhou notável impulso com a percepção de uma crescente presidencialização do tema (Cason e Power, 2009) e a importância da diplomacia presidencial como ferramenta de promoção da política exterior do país (Burges e Chagas Bastos, 2017). A diplomacia presidencial pode ser definida como "a condução pessoal de temas de política externa

pelo presidente, para além das funções rotineiras ou de ofício" (Danese, 2017, p.67). A diplomacia presidencial pressupõe a política externa em um lugar elevado na hierarquia da agenda presidencial, além da observação do uso intenso de recursos diplomáticos presidenciais como visitas oficiais, comunicação direta, nomeação de especialistas no assunto no gabinete presidencial, liderança negociadora, entre outros.

Com a presidência no centro do palco decisório da política externa, características dos mandatos presidenciais são instrumentalizados para explicar diferentes níveis do comportamento internacional do país. A ideologia política do chefe do Executivo é uma destas características que tem ganhado destaque na literatura (Guimarães e Dutra, 2021; Rodrigues et al, 2019; Saraiva, 2010; Tavares e Burns, 2025). Rótulos ideológicos, como direita e esquerda, possuem a função de informar, com o mínimo de esforço cognitivo, uma série de preferências sobre distintas políticas, servindo um propósito de informação e comunicação, especialmente em contextos de competição partidária. Assim como na política doméstica, a identidade ideológica no espectro direita e esquerda seria um bom preditor de preferências e atitudes em política externa na América Latina (Merke et al., 2020). Um exemplo é a identificação da direita mais propensa à inserção econômica e a priorização de parcerias no norte global, enquanto a esquerda estaria mais disposta a estreitar laços com o sul global e valorizar a autonomia (Baracaldo Orjuela e Chenou, 2019).

Independente da direção substantiva da ideologia na política externa, a convergência ou divergência das ideologias das chefias de estado podem exercer um papel relevante no grau de cooperação entre os países. Neumayer (2008) sustenta que países com líderes ideologicamente alinhados tenderiam a estabelecer laços diplomáticos mais densos, enquanto governos com orientações políticas divergentes estariam sujeitos a um maior distanciamento. É justamente esta hipótese que o presente estudo busca investigar no caso brasileiro recente, incluindo o ciclo eleitoral doméstico como potencial condicionante do efeito ideológico nas relações bilaterais. Assim, investiga-se o efeito da similaridade ideológica entre o presidente brasileiro e seus pares estrangeiros no nível engajamento diplomático, mensurado pelo Índice de Política Externa (Feliu Ribeiro et al, 2025), e se este efeito é condicional ao período eleitoral. A convergência ideológica pode indicar similitude de interesses, identidade compartilhada, mais graus de confiança mútua, entre outros elementos capazes de afetar positivamente as relações bilaterais. Como a ideologia simplifica as opções políticas, é esperado que em contextos de competição política mais acentuada, notadamente ciclos eleitorais, a convergência ideológica de chefes de estado pode exercer impacto mais significativo na política externa.

Por meio da construção de um modelo GMM sistêmico mensurando a convergência ideológica dos chefes de estado, o índice de política externa entre os países e a interação com anos eleitorais, argumentamos que, em anos de campanha presidencial, o governo brasileiro tende a focalizar sua atenção no eleitorado doméstico, negligenciando aliados ideológicos que, por serem mais complacentes, não demandam a mesma atenção diplomática que parceiros com

os quais há menores afinidades políticas. A seguir, apresento o desenho da pesquisa e seus principais resultados.

DESENHO DA PESQUISA

A unidade de análise deste estudo são os pares bilaterais formados pelo Brasil e seus parceiros internacionais. A amostra compreende 110 países entre 1998 e 2020, totalizando 3.821 observações. O recorte temporal foi definido pela disponibilidade dos dados. A observação deste estudo é o índice de política externa (FPI em inglês), medida capaz de capturar o grau de engajamento do Brasil e seu par, ano a ano. O índice é composto por três dimensões centrais da política externa brasileira: comércio, diplomacia e integração regional/instituições internacionais (Feliu Ribeiro et al, 2025). É uma medida objetiva e abrangente do engajamento bilateral do Brasil e nos permite capturar eventuais variações em função das mudanças nos chefes de estado do Brasil e parceiros internacionais. O dado foi obtido no portal do POLEN (Política Externa em Números).

A variável explicativa central é a proximidade ideológica entre o presidente brasileiro e seus pares estrangeiros. Utilizamos o *Global Dataset on Chief Executives*, desenvolvido por Herre (2023), e a classificação dos chefes de estado em um espectro ideológico ordinal: esquerda, centro e direita. Assim, criamos a variável binária “Convergência Ideológica”, assumindo o valor 1 quando a ideologia dos líderes converge e 0 quando não converge. O ciclo eleitoral é operacionalizado por meio de uma variável dicotômica que assume valor 1 nos anos em que ocorreram eleições presidenciais no Brasil, e 0 nos anos não eleitorais. O período analisado (1998-2020) abrange seis eleições presidenciais: 1998, 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018. Para capturar o efeito condicional do ciclo eleitoral sobre a relação entre proximidade ideológica e engajamento bilateral, incluímos no modelo um termo de interação entre a convergência ideológica e a dicotômica identificando a eleição. Este termo de interação permite identificar se o efeito da proximidade ideológica difere entre anos eleitorais e não eleitorais.

Para isolar o efeito da proximidade ideológica e do ciclo eleitoral, incluímos algumas variáveis de controle capazes de afetar o grau do engajamento bilateral dos países. A primeira variável, denominada “Embaixada”, é uma variável dicotômica, indicando a presença de embaixada brasileira no país parceiro. É esperado que a presença diplomática possa aumentar o número de acordos bilaterais, promover comércio, fomentar apoio em instituições internacionais, entre outros, todas variáveis que compõem o índice de política externa. O dado foi obtido no portal do POLEN. Também controlamos pelo tamanho da economia do país parceiro, denominando a variável “PIB (log)”, o logaritmo natural do Produto Interno Bruto do país parceiro. Como comércio é uma dimensão importante do FPI, quanto maior a economia do país parceiro, maior pode ser o índice, constituindo um importante controle econômico. Os dados foram obtidos do IMF data.

Também controlamos para a interação dos países em instituições internacionais, incluindo no modelo a variável “Afinidade ONU”, cuja função é medir a similaridade entre o Brasil e o país parceiro em votações na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGONU). Utilizamos a distância entre os pontos ideais dos países, seguindo o uso mais comum na literatura (Bailey et al, 2017). A AONU oferece uma plataforma para que os Estados expressem suas posições sobre uma ampla gama de questões globais, tornando a convergência de votos uma medida de preferência revelada da afinidade subjacente, potencialmente independente da ideologia presidencial. A convergência nesse fórum indica uma similaridade ampla de visões de mundo e posições normativas, muito influenciadas pela posição que os países ocupam no mundo, comumente aproximando os países do sul global (Lees, 2023). Por fim, utilizamos uma medida de defasagem da variável dependente, denominada “FPI defasado (t-1)”, ou seja, o valor do FPI no ano anterior, para controlar a inércia da política externa. A inclusão desta variável no modelo garante que o coeficiente de interesse não seja confundido por persistência temporal.

Para estimar os efeitos da proximidade ideológica e do ciclo eleitoral sobre o FPI, utilizamos um modelo GMM sistêmico (Arellano-Bond) com dados em painel. A escolha do GMM justifica-se pela necessidade de controlar por possíveis efeitos de inércia da política externa, capturada pela inclusão do FPI defasado como regressor, a possível endogeneidade da afinidade ideológica, que pode ser influenciada por fatores não observados que também afetam o engajamento bilateral e uma possível heterogeneidade não observada, controlada por efeitos fixos de país e ano. Para validar a robustez dos resultados, realizamos uma série de testes: estimação por efeitos fixos (FE); *entropy balancing* (EB) para corrigir desbalanceamento entre grupos; teste placebo com anos eleitorais falsos; análise *jackknife* para avaliar a influência de observações específicas; e exclusão de anos para verificar se algum período eleitoral específico está direcionando o resultado. Os resultados dos testes são reportados nas tabelas 3 e 4, localizadas no anexo deste artigo.

O efeito condicional das eleições é modelado por meio da interação entre a variável de afinidade ideológica e a variável dicotômica para anos eleitorais. O coeficiente da interação captura o quanto a mudança no FPI durante anos eleitorais difere entre países com alta e baixa afinidade ideológica, controlando por tendências comuns via efeitos fixos de país e ano. A seguir, exibimos os resultados do modelo.

RESULTADOS

Para apresentar os resultados do modelo GMM sistêmico, adotamos duas estratégias complementares: uma exposição tabular completa, disponível no Anexo (tabela 2), e uma representação gráfica dos coeficientes, que privilegia a clareza visual e a rápida identificação dos padrões estatisticamente relevantes.

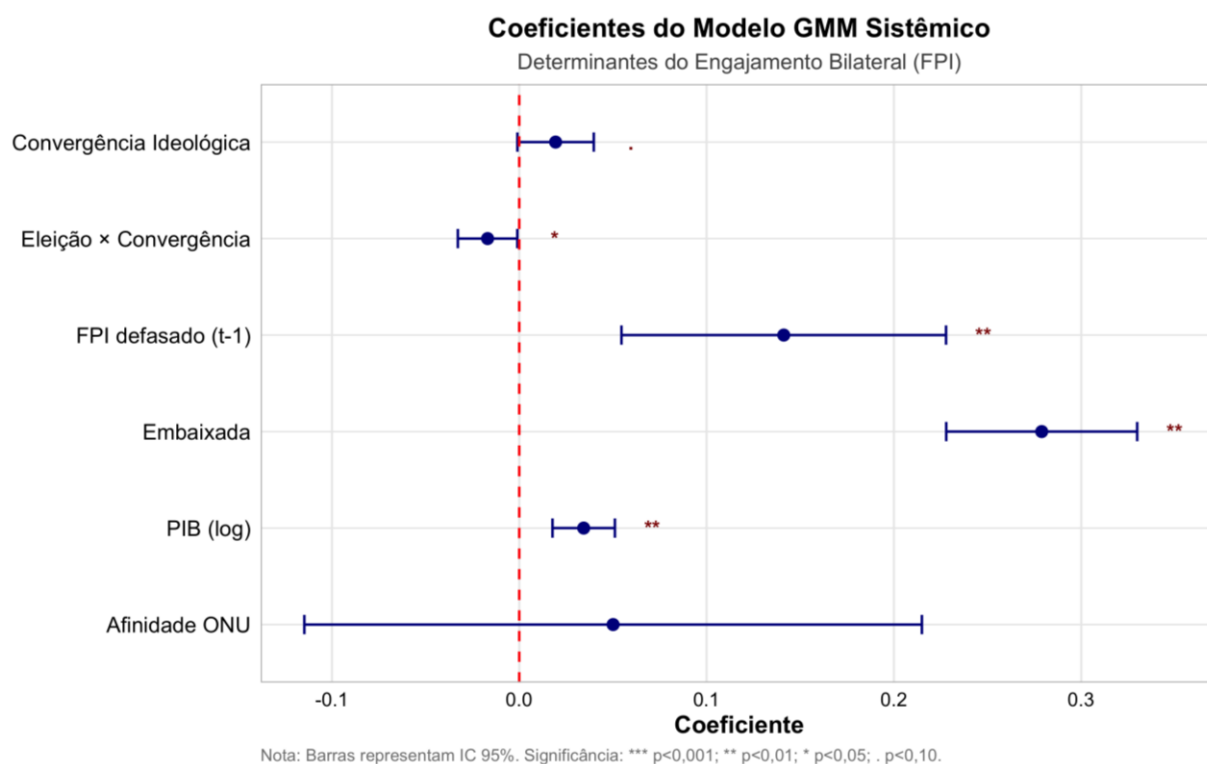
A Figura 1 exibe, no eixo vertical, as variáveis independentes descritas anteriormente, enquanto o eixo horizontal apresenta os valores estimados para cada coeficiente. Cada variável é representada por um círculo preenchido, cuja posição ao longo do eixo horizontal indica a

magnitude e a direção do efeito estimado. As barras horizontais que se estendem a partir de cada círculo delimitam o intervalo de confiança de 95%, fornecendo uma medida da precisão da estimativa.

Para facilitar a leitura dos resultados, uma linha vertical vermelha foi inserida no ponto zero do eixo horizontal. Essa linha funciona como referência visual: coeficientes posicionados à direita indicam uma relação positiva com a variável dependente, enquanto coeficientes à esquerda sugerem uma relação negativa. Quanto mais distante da linha vermelha, maior a magnitude do efeito estimado.

Complementarmente, o grau de significância estatística de cada coeficiente é indicado por asteriscos ao lado do respectivo círculo, seguindo a convenção: * $p < 0,1$; ** $p < 0,05$; *** $p < 0,01$. Dessa forma, o gráfico permite ao leitor avaliar, de maneira intuitiva e simultânea, tanto a direção quanto a relevância estatística dos efeitos estimados para cada variável incluída no modelo.

Figura 1. Resultados do Modelo GMM Sistêmico



O primeiro resultado destacado é a variável central de interesse, a convergência ideológica. Isoladamente, a convergência ideológica entre lideranças das nações não produz efeito significativo sobre o engajamento bilateral (coeficiente = 0,0194; $p = 0,062$). Líderes ideologicamente alinhados não aumentam o FPI, em média, em comparação com líderes com posições ideológicas distintas. Entretanto, este efeito é ativado negativamente durante eleições. A interação entre anos eleitorais e proximidade ideológica é negativa e estatisticamente significativa (-0,0169; $p = 0,037$). Isso significa que, em períodos de campanha, a similaridade

ideológica torna-se um vetor de distanciamento: países com líderes alinhados ao presidente brasileiro sofrem uma redução de aproximadamente 1,7% no FPI. O efeito, embora de magnitude baixa, sugere que aliados ideológicos são negligenciados durante o ciclo eleitoral, possivelmente por serem mais complacentes com o cenário doméstico.

Um ponto muito interessante é relevância do FPI defasado. A política externa brasileira é caracterizada por forte inércia: 14% do engajamento atual é explicado pelo ano anterior ($p < 0,001$). Esta persistência indica que relações bilaterais são construídas ao longo do tempo e não se alteram drasticamente de um ano para outro. Os controles estruturais revelam os determinantes fundamentais do engajamento bilateral. A presença de embaixada emerge como o preditor mais robusto, com efeito de 27,9% ($p < 0,001$), confirmando que a infraestrutura diplomática permanente é um canal essencial de promoção das relações bilaterais. O PIB do parceiro também contribui positivamente (0,0344; $p < 0,001$), indicando que o tamanho da economia do parceiro influencia o nível de engajamento internacional do Brasil. A afinidade em votações na ONU, medida pela proximidade ao ponto ideal do Brasil, não possui efeito significativo sobre o FPI.

Dada a relevância da interação entre convergência ideológica e eleições, é proveitoso avaliar uma possível heterogeneidade do efeito eleitoral. Para tanto, realizou-se a mesma análise apresentada, mas desta vez excluindo cada ano eleitoral e observando como o coeficiente se altera. A tabela 1 abaixo resume os resultados para o coeficiente da interação apenas.

Tabela 1: Análise por Tipo de Eleição (Exclusão de Anos)

Ano Excluído	Coeficiente	Tipo de Eleição
1998	-0,0201	Reeleição (FHC)
2002	-0,0132	Transição (FHC → Lula)
2006	-0,0167	Reeleição (Lula)
2010	-0,0147	Transição (Lula → Dilma)
2014	-0,021	Reeleição (Dilma)
2018	-0,0136	Transição (Temer → Bolsonaro)
Médias por tipo		
Tipo de Eleição	Coeficiente Médio	
Reeleição (mesmo presidente)	-0,0206	
Transição (muda presidente)	-0,0138	
Reeleição sem transição	-0,0167	

A tabela 1 revela um efeito eleitoral no alinhamento ideológico maior quando o mesmo presidente busca reeleição (-2,1%), sugerindo que aliados são mais negligenciados quando há continuidade do governo. Em anos de transição, o efeito é menor (-1,4%), possivelmente porque a incerteza sobre o novo governo inibe a negligência a parceiros ideologicamente alinhados. É muito importante ressaltar as baixas magnitudes dos efeitos, sugerindo globalmente um efeito pequeno, mas com potencial de aumentar com a atualização dos dados e ampliação da série histórica. A seguir discuto os resultados apresentados nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não significância do efeito isolado da convergência ideológica sobre o FPI (coeficiente = 0,0194, $p = 0,062$) desafia a hipótese de que a similaridade ideológica entre líderes seja um fator suficiente para gerar maior engajamento bilateral, ao menos para o período estudado. Este achado sugere que a política externa brasileira permanece, em grande medida, orientada por fatores estruturais e interesses objetivos, majoritariamente econômicos. A ideologia, por si só, não parece ser um motor suficiente do engajamento diplomático, corroborando interpretações que enfatizam a continuidade e o pragmatismo da diplomacia brasileira.

O achado central, o efeito negativo e significativo da interação entre ciclo eleitoral e convergência ideológica, revela uma dinâmica mais sutil e condicional. Durante anos eleitorais, a afinidade ideológica transforma-se em um vetor de distanciamento, com aliados ideológicos sofrendo uma redução de aproximadamente 1,7% no FPI. É um efeito muito pequeno, por isso demanda cautela. As variáveis do modelo são de cunho mais estrutural, a inclusão de uma gama maior de decisões em política externa pode alterar os resultados obtidos, assim como a ampliação da série histórica para depois de 2020, onde observamos interferência de chefes de estados em eleições nacionais como o caso de Donald Trump e Javier Milei nas eleições brasileiras de 2026. A produção de análises qualitativas de casos específicos auxilia a esclarecer processos causais subjacentes ao efeito identificado, complementando a evidência quantitativa. Nem todas as decisões e acordos, por exemplo, possuem o mesmo impacto, elemento que estudos de caso conseguem lidar melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bailey, M. A.; Strezhnev, A.; Voeten, E. (2017) 'Estimating Dynamic State Preferences from United Nations Voting Data'. *Journal of Conflict Resolution*, 61(2), pp. 430–456. <https://doi.org/10.1177/0022002715595700>.

Baracaldo Orjuela, D. e Chenou, J. M. (2019) 'Regionalism and Presidential Ideology in the Current Wave of Latin American Integration.' *International Area Studies Review*, 22(1), pp. 41–63. <https://doi.org/10.1177/2233865918815008>.

Burges, S. W. e Chagas Bastos, F. H. (2017) 'The Importance of Presidential Leadership for Brazilian Foreign Policy.' *Policy Studies*, 38(3), pp. 277–290. <https://doi.org/10.1080/01442872.2017.1290224>



Casarões, G. S. P. e Farias, D. B. L. (2022) 'Brazilian Foreign Policy under Jair Bolsonaro: Far-Right Populism and the Rejection of the Liberal International Order.' *Cambridge Review of International Affairs*, 35(5), pp. 741–761. <https://doi.org/10.1080/09557571.2022.2051370>

Cason, J. W. e Power, T. J. (2009) 'Presidentialization, pluralization, and the rollback of Itamaraty: explaining change in Brazilian foreign policy making in the Cardoso-Lula era.' *International Political Science Review*, 30(2), pp. 117–140. <https://doi.org/10.1177/0192512109102432>

Cervo, A. L. e Lessa, A. C. (2014) 'O declínio: inserção internacional do Brasil (2011–2014).' *Revista Brasileira de Política Internacional*, 57(2), pp. 133–151. <https://doi.org/10.1590/0034-7329201400308>.

Danese, S. F. (2017) *Diplomacia presidencial: história e crítica*. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

Feliu Ribeiro, P.; Ferreira, T. e Sposito, I. (2025) 'Measuring Brazilian Foreign Policy Engagement: composition and validation of the Foreign Policy Index'. *Revista Brasileira de Política Internacional*. 68(2), pp. DOI: 10.1590/0034-7329202500115.

Guimarães, F. e Silva, I. (2021) 'Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment.' *International Affairs*, 97(2), pp. 345–363. <https://doi.org/10.1093/ia/iiaa220>.

Herre, B. (2023) 'Identifying Ideologues: A Global Dataset on Political Leaders, 1945–2020'. *British Journal of Political Science*, 53(2), pp. 740–748.

Lees, N. (2023) 'The endurance of the G77 in international relations: South–South ideology and voting at the United Nations 1970–2015'. *Japanese Journal of Political Science*, 24(3), pp. 310–330.

Merke, F.; Reynoso, D. e Schenoni, L. (2020) 'Foreign policy change in Latin America: exploring a middle-range concept.' *Latin American Research Review*, 55(3), pp. 413–429. <https://doi.org/10.25222/larr.861>.

Neumayer, E. (2008) 'Distance, power and ideology: diplomatic representation in a world of nation-states'. *Area*, 40, pp. 228–236. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2008.00804.x>

Rodrigues, P.; Urdinez, F.; Oliveira, A. (2019) 'Measuring international engagement: systemic and domestic factors in Brazilian foreign policy from 1998 to 2014.' *Foreign Policy Analysis* 15(3), pp. 370–391. <https://doi.org/10.1093/fpa/orz010>.

Saraiva, M. (2010) 'Brazilian foreign policy towards South America during the Lula administration: caught between South America and Mercosur.' *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, special issue, pp. 151–168.

Tavares, A. A. O.; Burns, S. L. (2025) 'Presidents and diplomacy: ideology's impact on Brazil's international forest engagement'. *Third World Quarterly*, 46(16), pp. 2098–2120. <https://doi.org/10.1080/01436597.2025.2560560>.

Vigevani, T. e Cepaluni, G. (2007) 'Lula's foreign policy and the quest for autonomy through diversification.' *Third World Quarterly* 28(7), pp. 1309–1326.

ANEXO

Tabela 2. Resultados do modelo GMM sistêmico

Variável	Coeficiente	Erro Padrão	IC 95%	p-valor
FPI defasado (t-1)	0,1412	0,0442	[0,054;0,228]	0,001
Convergência Ideológica	0,0194	0,0104	[-0,001;0,040]	0,062
Eleição × Convergência Ideológica	-0,0169	0,0081	[-0,033;0,001]	0,037
Embaixada	0,2789	0,026	[0,228;0,330]	0,001
PIB (log)	0,0344	0,0085	[0,018;0,051]	0,001
Afinidade ONU	0,0501	0,0841	[-0,115;0,215]	0,551

Estatísticas do modelo

Efeitos fixos de país	Sim
Efeitos fixos de ano	Sim
Número de observações	3.821
Número de instrumentos	8
Teste AR (2) (p-valor)	0,204
Teste Sargan (p-valor)	0,001

Tabela 3. Testes de Robustez do Modelo GMM

Teste	Resultado	Função	Interpretação
AR(1)	$p < 0,001$	Autocorrelação de 1ª ordem	Dinâmica temporal relevante
AR(2)	$p = 0,204$	Autocorrelação de 2ª ordem	Pressuposto satisfeito
Sargan	$p < 0,001$	Validade dos instrumentos	Instrumentos são válidos
Placebo	-0,0039 ($p=0,61$)	Efeito em anos falsos	Não significativo - efeito é genuíno
Jackknife	0,0005	Estabilidade ao excluir países	Estável - nenhum país dirige o resultado
Exclusão de anos	Amplitude 0,0078	Sensibilidade a anos específicos	Nenhum ano eleitoral é influente demais

A validade do modelo GMM é confirmada pelos testes de diagnóstico. O teste AR(1) rejeita a hipótese nula de ausência de autocorrelação de primeira ordem ($p < 0,001$), o que é esperado dada a inércia da política externa. Crucialmente, o teste AR(2) não rejeita a hipótese nula ($p =$

0,204), satisfazendo o pressuposto fundamental do estimador. O teste de Sargan indica que os instrumentos são válidos ($p < 0,001$) e o efeito é genuíno (placebo não significativo), assim como as estimativas são estáveis (Jackknife) e nenhum ano ou país dirige o resultado.

Tabela 4: Comparação Completa entre Modelos

Variável	GMM	FE	EB
FPI defasado (t-1)	0,1412**	0,0868***	0,0866***
Convergência Ideológica	0,0194.	0,0054	0,0035
Eleição × Convergência	-0,0169*	-0,0166*	-0,0178*
Embaixada	0,2789***	0,0868***	0,0866***
PIB (log)	0,0344***	-0,0249	-0,0267
Afinidade ONU	0,0501	0,1488**	0,1295*

Os três modelos produzem estimativas consistentes para o coeficiente de interesse, confirmando a robustez do efeito negativo e significativo da interação eleição × convergência ideológica. A convergência ideológica isolada nunca é significativa, enquanto a presença de embaixada é sempre significativa (embora com magnitude maior no GMM, que controla por inércia).